

Linha de Rumo

Um ambiente de rotina e de pessimismo caracteriza hoje a vida intelectual portuguesa, pelo menos no que respeita aos seus meios de expressão e de comunicação com o público. Há um vazio que parece ser sentido por todos a quem esta situação mais directamente diz respeito — escritores, artistas e editores —, além do vasto público que em Portugal, e numa escala muito maior do que se supõe, se interessa pelas chamadas actividades do espírito. Sente-se a falta de um jornal de Letras, Artes e Ciências, meio de expressão e de comunicação aberto a todas as correntes literárias e estéticas, que recolha a colaboração de todos os valores verdadeiramente representativos e significativos; um jornal que, facultando aos nossos escritores e artistas um meio de comunicarem frequentemente com o público, permita o convívio deste com os valores já consagrados e a revelação de novos valores.

Pode afirmar-se com toda a propriedade a existência duma lacuna na vida intelectual portuguesa da actualidade.

Com a consciência clara desta situação e o conhecimento directo e sentido das circunstâncias, iniciamos agora a publicação de LER, como jornal de Letras, Artes e Ciências, jornal com o propósito de contribuir para o preenchimento dessa lacuna reconhecida por todos: escritores, artistas e editores. Não sabemos até onde chegaremos no desempenho desta missão, nem em que medida o nosso empreendimento será justamente interpretado. Mas não ficará mal afirmarmos que, com a modéstia dos nossos meios e na atmosfera de descrença que parece respirar-se em toda a parte — crise de recursos, crise do interesse do público, crise na produção intelectual e artística, crise da actividade editorial —, não nos poupamos a esforços para que LER honre a cultura nacional, seja um eloquente mensageiro dos valores portugueses junto das populações que falam a nossa língua e desempenhe um activo papel de animador e impulsionador das actividades e iniciativas que no campo da Literatura, da Arte e da Ciência sejam dignas do seu apoio.

Qual o nosso programa? Servir a cultura nacional, servir a actividade editorial portuguesa, dar aos escritores, artistas e ensaístas portugueses um meio de expressão e de divulgação das suas obras; trazer junto do nosso público o que mais lhe possa interessar da actividade intelectual de além-fronteiras; apoiar todos os empreendimentos que possam servir o enriquecimento cultural e o rejuvenescimento espiritual do nosso país, e levar a cabo todas as iniciativas que possam integrar-se nestes objectivos.

LER publicar-se-á em princípio todos os meses. Não basta e não serve — dizem-nos algumas respostas ao inquérito que promovemos. Temos disso consciência e conhecemos também os inconvenientes duma publicação mensal. Pareceu-nos difícil, porém, editar desde já um semanário, ou mesmo um quinzenário, com o nível que desejamos.

Receio das próprias possibilidades? Temor de que o público não corresponda?

As nossas possibilidades são, numa larga medida, as possibilidades reais dos valores intelectuais portugueses. Não temos dúvidas de que, se nos prestarem a colaboração que solicitamos, poderemos fazer um jornal digno dos nossos colaboradores e do País.

É, porém, nas mãos do público amante da cultura que se encontra a chave do êxito deste empreendimento e também a possibilidade de que, em breve, passemos a quinzenário e mais tarde, num futuro que francamente vemos ainda distante, a semanário. Se do Minho ao Algarve, nas ilhas adjacentes e no ultramar português o público corresponder — todo aquele público que ano após ano não deixou de nos exprimir o desejo de ver aparecer um jornal com as características com que LER se apresenta —, não duvidamos de que LER preencherá a lacuna que todos reconhecem existir presentemente na vida intelectual portuguesa.

ROSA DOS VENTOS

NIETZSCHE

Wilhelm Friedrich Nietzsche, morreu em 25 de Agosto de 1900. Há cinquenta e dois anos, portanto. Muitas das suas obras estão traduzidas em português, mas muitas dessas traduções estavam esgotadas ou tinham desaparecido das livrarias. A Livraria Guimarães empreendeu agora uma edição em português das obras completas de Nietzsche.

Num dos seus últimos escritos Nietzsche profetizava: «Compreender-me-ão após a próxima guerra europeia. Terá sido necessária uma nova guerra europeia (europeia e mundial) para despertar pela obra de Nietzsche um mais fundo interesse entre nós?»

LITTRÉ E O POSITIVISMO

Diz-se correntemente: «um Littré». Designa-se desse modo um dicionário volumoso que as pessoas consultam com respeito. Todavia, Maximilien-Paul-Emile Littré, nascido em Paris há uns bons cento e cinquenta anos, não foi só o erudito autor do Dicionário da Língua Francesa. Revolucionário de 1830, jornalista vigoroso, heenista distinto, filósofo, discípulo e continuador de Auguste Comte, Littré foi durante trinta anos o chefe incontestado da escola positivista. Através da revista que fundou em 1867 e por intermédio dos seus livros — De la Philosophie positive e La Science du point de vue philosophique — exerceu uma extraordinária influência sobre a geração que tinha vinte anos cerca de 1870.

O sistema positivista, mesmo na sua época, provocou celum e vivas controvérsias. Quando Littré entrou para a Academia Francesa houve um bispo que, em sinal de protesto, apresentou o seu pedido de demissão.

Em Portugal ainda hoje se discute apaixonadamente Teófilo Braga e o positivismo continua a ser objecto de estudos, de críticas combativas e de tentativas de superação. Mas o positivismo será realmente um tema com actualidade?

HOMENAGENS A VÍTOR HUGO

Da comissão organizada, por iniciativa de Jean Hugo, descendente do poeta da Légende des Siècles, e à qual incumbia organizar e coordenar as comemorações do 150.º aniversário do nascimento de Vitor Hugo, fizeram parte: Paul Abram, Aragon, Jean-Louis Barrault, Gérard Bauër, Pierre Benoit, André Billy, Julien Cain, Paul Crouzet, Charles Daudet, Pierre Descaves, Paul Eluard, Raymond Escholier, Fernand Gregh, Henri Guillemin, Georges Lecomte, Maurice Lewallant, Ernest Prévost, Maurice Rostand, Jean

Sarrailh, Jules Supervielle, Marie Bell e Rosmond Gérard.

A reunião de tão diversas personalidades numa comissão promotora de homenagens a Vitor Hugo é bastante significativa. A França intelectual e artista continua a considerar Hugo como uma das glórias do génio nacional.

AS HORAS VAGAS DE UM POLÍTICO

Edgar Faure, o político francês que esteve em Lisboa em Fevereiro e que nesse momento era o chefe do Governo francês — de um efêmero governo que durou quarenta dias —, é também escritor. Efectivamente, nas horas que a política lhe deixa livres Edgar Faure escreveu romances policiais, que publica com o pseudónimo de Edgar Sanday.

TOSCANINI E AS LÍNGUAS

Conta-se que, tendo alguém perguntado ao ilustre chefe de orquestra se achava útil falar várias línguas, ele teria respondido:

— Evidentemente, dado que cada língua permite exprimir diferentes estados de alma. Quereis ser amável? Falai o francês. Quereis ser prático? Falai o inglês. Ameaçador? Falai o alemão. Mas, se quereis cantar, então não hesiteis: cantai em italiano.

TIPOGRAFOS E ESCRITORES

De um escritor contemporâneo dizia o compositor tipográfico que compusera um dos seus romances:

— É um homem que não sabe ortografia mas que, incontestavelmente, tem estilo.

ESTÍMULO E INDEPENDÊNCIA

Foi constituída uma comissão, composta por André Maurois, Emile Henriot, Robert Temp, Robert Kauters e Jean Vilar, com a finalidade de atribuir todos os anos uma bolsa de um milhão de francos instituída pela «Fundação Del Duca» e destinada a permitir a um escritor de língua francesa que realize a sua obra em condições de plena independência material. As candidaturas à bolsa devem ser acompanhadas pelo curriculum vitae do pretendente, pelos seus livros ou manuscritos.

Trata-se de uma iniciativa digna de aplauso. Só é pena que outras entidades (e para escritores de outros países) não criem iguais condições de trabalho aos trabalhadores das letras, compreendendo que o estímulo e qualquer apoio material são só realmente úteis se garantem ao intelectual a independência e a liberdade de criação.

FENG TAO

Justamente há mil anos era impresso um livro, pela primeira vez, na Coreia. Tratava-se de um texto búdico escrito directamente em chinês e não traduzido do sânscrito. A sua publicação assinalava o início de um apogeu cultural que o Extremo Oriente ficou devendo, em grande medida, a um homem notável: Feng Tao. Nascido em 881, na provincia de Tchili, Feng Tao, que foi primeiro-ministro sob sete imperadores sucessivos, teria sido, segundo a tradição, o inventor da arte de imprimir. Parece que realmente Feng Tao não teve qualquer interferência de ordem técnica no assunto, mas deve-se-lhe incontestavelmente a expansão que a imprensa teve no Extremo Oriente e a edição dos clássicos chineses em cento e trinta volumes.

RECORDANDO LORCA

Chega-nos do Uruguai a notícia de que na cidade de Salto, terra natal do grande poeta Henrique Amorim, vai ser construído um monumento a Federico Garcia Lorca. O monumento será erguido numa grãva da cidade, junto ao rio, e no soco será gravado o poema que António Machado escreveu sobre o fim trágico do grande poeta de Espanha.

O monumento será custeado por subscrição pública promovida por iniciativa do presidente da municipalidade de Salto.

A POESIA DE ÉLUARD

No volume La Jeune peut-elle être plus belle que l'eau? (Gallimard) reuniu Paul Éluard os seus livros de versos publicados de 1930 a 1938, e que se encontravam há muito esgotados: La Vie enchaînée, La Rose publie, Les Yeux fertiles, Cours naturel. Os admiradores do grande poeta têm agora oportunidade de possuir e ler essas obras e até de verificar como certas das características da poesia de Éluard remontam a 1930 e ao volume La Vie enchaînée. Paul Éluard seguiu uma evolução natural e a água que oferece à nossa sede é sempre a mesma: pura, cristalina e bela.

DIZ-ME COM QUEM ANDAS...

Há um provérbio português que diz: «Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens». A este provérbio, a este juízo tantas vezes precipitado e falso, opõe o escritor Hemingway a seguinte resposta: — É necessário não ajuizar de um homem pelas pessoas com quem ele se dá: não esqueçamos que Judas tinha amigos ímpios.

SÃO PAULO CONQUISTADOR DE CRISTO

POR DANIEL-ROPS



1952

LIVRARIA TAVARES MARTINS — PORTO

NAS LIVRARIAS: 30\$00 ESC.

LER

Jornal de Letras, Artes e Ciências

Director: Francisco Lyon de Castro
Editor: Adelino Lyon de CastroPropriedade de
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.
Redacção e Administração
RUA DA BARROCA, 4 — LISBOA
TEL. 3 0826

Preço avulso: 3\$00

ASSINATURA

	Portugal e Brasil	Estrangeiro
6 números	18\$00	21\$00
12	32\$00	40\$00

As assinaturas são pagas adiantadamente, o seu custo é dado sob reserva de alteração de preço e inclui o direito aos suplementos e números especiais.

Não se devolvem os originais não solicitados.

As ideias expressas nos artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores.

ESCRITORES, ARTISTAS E EDITORES

(continuação da pág. 1)

escrevinhadores que não pensam, mas que o público admira porque é inculto, e de fecundos vulgarizadores de resultados científicos mais ou menos transitórios e deturpados, que muito dogmáticamente se vão impingindo às gentes, e sempre sem aquilo que é o que mais importa: a mentalidade científica, o espírito crítico. Este meu depoimento, como por aqui se está vendo, é tão-só subjectivo e sem valor pragmático, já que o anti-intelectualismo é que está em moda, no barroco período que atravessa o Mundo. Mas que posso eu fazer-lhe, se em mim o intelectualismo é uma qualidade inata, visceral, imperiosa, de que me é tão impossível desistir e fugir como ao carapau e à sardinha o viver fora da água? Sou, por assim dizer, um surrealista sui generis, para quem a Surrealidade é a criação racional, a concepção de relações perfeitamente inteligíveis. Nada monta, por conseguinte, este voto esdrúxulo de um tresmalhado: que o novo LER com que nos vão regalar seja também um Entender!

AUGUSTO SÁ DA COSTA
— Livreiro e Editor.

Como editor, julgo de grande importância o aparecimento dum novo jornal de Letras, Artes e Ciências, num meio como o nosso, em que raramente as manifestações intelectuais logram alcançar a atenção do grande público e converter-se em verdadeiros acontecimentos.

E o facto de a iniciativa pertencer a um editor autoriza a atribuir imediatamente significado especial

perante o problema nacional do livro, ao cometimento, cuja responsabilidade é pelo mesmo facto extraordinariamente ampliada.

Decerto as condições mínimas de partida foram cuidadosamente verificadas para que todos possamos esperar e registar o acolhimento e a audiência, que constituirão simultaneamente o êxito da publicação e a realização concreta da sua correspondência com uma necessidade da vida intelectual portuguesa.

DIOGO DE MACEDO — Escultor.

Um jornal de cultura e de moral é sempre de desejar e aplaudir.

JOÃO GASPAR SIMÕES — Escritor e Crítico Literário.

Há muito que defendo este ponto de vista: a publicação dum jornal onde se debatam os problemas e os interesses dos intelectuais portugueses com independência e objectividade. LER, se pudesse vir a ser um semanário, teria todas as probabilidades de corresponder a uma necessidade insatisfeita do público e dos escritores do nosso país. Mensário — parece-me ficar a meio caminho. Oxalá o êxito anime os seus dirigentes a torná-lo mais eficiente.

JOSÉ RÉGIO — Escritor.

A necessidade dum jornal de Letras, Artes e Ciências é hoje tão indiscutível que nem me parece poder ser objecto dum inquérito. Que devemos nós, os a quem inte-

ressam essas grandes Actividades, senão aplaudir?

Pela parte que mais pessoalmente me toca — as Letras —, há muito lamento a falta, no nosso meio cultural, duma publicação onde os seus problemas específicos sejam livremente debatidos. Digo os seus, e não os doutras Actividades que pretendem negar à Arte em geral, à Literatura em particular, um valor específico e uma essência própria. Oxalá venha o jornal que se anuncia suprir essa falta! É bem-vindo seja — se vem.

MARIA ARCHER — Escritora.

1.º — Ignoro se a pergunta se refere a diário, se a semanário; mas, seja o que for, acho-o inviável no momento histórico português. O público desinteressou-se da leitura das nossas folhas desse género porque as encontra desactualizadas e com sabor a chá de Tolentino. Letras amputadas do pensamento; artes espartilhadas num neoclassicismo oficial; ciências impedidas de discutir a sério religião, pedagogia, psicofisiologia, etc; enfim, um jornal deste modo ordenado e dirigido torna-se um armazém de artigos e crónicas insossas.

2.º — O maior valor dessa iniciativa está na exemplaridade heróica oferecida por «Europa-América». A vida portuguesa, mesmo a intelectual, ou, exactamente, mais a intelectual, está precisada de heróis. Ora o heroísmo é contagioso. É sob esse prisma sadio que louvo, aplaudo e incito «Europa-América» a prosseguir no seu empreendimento.

Um inquérito de LER

PEDRO DE ANDRADE — Livreiro

À parte um pequeno número de publicações que saem de longe em longe, mercê da boa vontade de alguns escritores novos, não existe em Portugal uma publicação que registre a actividade artística e intelectual do País. Notícias de exposições, de conferências, de passagens ocasionais de escritores e homens de Ciência, a crítica literária, artigos de carácter cultural, tudo isso anda disperso pelos jornais diários ou por revistas várias, notando-se a falta dum jornal dedicado exclusivamente a esses assuntos.

Creio ser realmente necessária a criação dum tal jornal, que informe o público sobre o que se escreve, o que se edita, o que se vê nos palcos, em suma, sobre todas as iniciativas de carácter cultural ou artístico.

VITORINO NEMÉSIO — Escritor e Professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

Um jornal de Letras, Artes e Ciências é sempre benéfico e oportuno, sobretudo numa época e num país em que o andado pseudo desportivo, o progressismo superficial e a superstição do especialismo afastam a juventude do gosto da cultura autêntica. Pelo subtítulo escolhido, o jornal LER mostra inserir-se na boa e velha tradição dos nossos periódicos enciclopédicos, a que hoje se chama «culturais». Assim, será bem-vindo.

Fale de LER aos seus amigos